

Construções Sociais e Discursivas da Família

Meu objetivo de análise, neste capítulo, consiste em, retomando o que alguns autores como Sarangi (2006), Snow (2001), Tannen (2003) e Bucholtz & Hall (2005) pensam sobre família, identidades pessoais e sociais, refletir como a relação entre essas identidades interfere na interação social. Uma questão teórica que se coloca em nossa pesquisa, e principalmente neste capítulo, é de como articular identidades sociais e discursivas dos membros da família individualmente e, por outro lado, as identidades da família, como um grupo social.

Não obstante as imensas modificações ocorridas nas famílias, nos últimos tempos, tais como a legalidade do divórcio e a conseqüente possibilidade de vários casamentos, o reconhecimento legal das uniões estáveis, ou ainda as diferentes formas que as famílias modernas vêm apresentando; ainda hoje, muitas formas de relação diferenciadas da tradicional são ignoradas ou olhadas com estranheza. Contudo, como veremos na análise a seguir, os valores constituintes e identitários de família também estão em mudança.

Sarangi (2006), em seu texto introdutório de um número especial da *Text & Talk*, concebe a família como “uma instituição social que faz a mediação entre o indivíduo e o social, com estruturas identificáveis, funções e hierarquias” (p. 403). A família é considerada por Tannen (2003) como uma pequena comunidade da fala, uma unidade orgânica que se modela e se mantém pela linguagem, na qual tudo o que é dito para o outro vem carregado de significados vindos de experiências vivenciadas (p. 15).

Snow (2001) se propõe a refletir sobre a relação entre identidades pessoais e sociais, para fazer sua discussão sobre identidades coletivas. Identidades pessoais, para o autor, se constroem com atributos e significados atribuídos a si mesmos. Identidades sociais são atribuídas às pessoas, como uma forma de situá-las no espaço social, como “mãe”, “professor”, envolvendo também categorias de gênero, etnia, categorias nacionais; são fundamentais para a interação social, na medida em que fornecem pontos de orientação para “alterar” os “outros” como um

objeto social (p. 4). A essência da identidade coletiva reside em um sentimento de ‘nós’, associado com algo real ou imaginário, podendo ser variável em função dos agrupamentos ou dos contextos (p. 5 e 6).

Embora a discussão seja diferenciada em nossa pesquisa, a reflexão do autor é inspiradora para nossas considerações sobre as relações entre identidades sociais e discursivas construídas individualmente e as relações com as identidades de família. Em nossa proposta, o grupo social, envolvendo diferentes concepções de família, coloca-se, discursivamente, no âmbito de: (a) identidades pessoais de seus membros, em como se auto-atribuem atributos, posições; (b) de identidades sociais envolvendo papéis de pai, mãe, filhas, irmãs e como se relacionam nesses papéis; (c) identidades sociais de pertencimento ao grupo, com a noção de ‘nós’, com valores e práticas discursivas, rotinas, partilhados ou em conflito; em convivência ou não no mesmo espaço físico, social, cultural, psicológico. Essas identidades são relacionais, entre o ‘eu’ e o ‘outro’ (Bucholtz & Hall, 2005: 586).

A seguir, veremos como Ana Clara e Mariana constroem identidades sociais e discursivas de família(s) de seus amigos, no contraponto com a família a que pertencem, assumindo o posicionamento do ‘eu’ e do ‘outro’.

7.1

Diferentes configurações de família: o contraponto entre a família dos amigos e a família de Ana Clara e Mariana

7.1.1

Construções e comparações de Ana Clara

A análise desta seção terá como ponto de partida a última pergunta que fiz às garotas na qual lhes peço que falem um pouco sobre como vêm seus colegas e a relação deles com seus pais.

Pergunta 4: Agora eu queria que você falasse um pouco dos seus colegas, de como você vê seus colegas e também como é a relação deles com os pais. E se você tiver casos pra contar, eu gostaria de ouvir um pouco, assim, como que eles se relacionam com os pais. Se em alguma circunstância em especial aconteceu alguma coisa que você queira contar, algum caso deles...

(i) Somente ele e a mãe**Fragmento 1**

Ana Clara

- 1 Então, a maioria dos meus amigos, dos meus colegas, tem pais separados
- 2 E, assim, é meio estranho... porque, meu melhor amigo, por exemplo, ele só vê o pai
- 3 dele a cada 15 dias e se tem alguma coisa pra fazer, se vai sair, se tem algum
- 4 trabalho, passa um mês sem ir...
- 5 Daí precisa de alguma coisa, precisa de, sei lá, dinheiro ... essas coisas, aí liga pro pai
- 6 e pede, sabe?
- 7 Aí eu acho isso meio esquisito, mora só ele e a mãe, a mãe dele é super legal, eles
- 8 têm uma relação boa,
- 9 mas ela também impõe muito as coisas e eles não conversam sobre nada.
- 10 Ela não sabe nada das coisas dele, quem sabe mesmo são os amigos... E... eu acho
- 11 isso meio estranho.

Da análise do fragmento acima, é possível verificar que, embora a pergunta sugerisse que as garotas inicialmente falassem um pouco de seus colegas, e minha expectativa fosse que surgissem, nas respostas, construções identitárias de alguns deles, Ana Clara orienta seu turno para a construção das identidades sociais e discursivas de família(s) de seus amigos, tomando como contraponto a sua própria família e assumindo claramente o posicionamento do 'eu' e do 'outro'.

Veremos que Ana Clara, já no primeiro momento, apresenta seus amigos como tendo pais separados (linha 1), logo, pela caracterização dos pais enquanto casal; na linha seguinte (2), irá trazer para o discurso seu alinhamento (cf. Goffman, 1981 *apud* Pereira, 2002:15) de estranheza frente a essa situação e outras que trará no transcorrer do discurso como o fato de seu melhor amigo só ver o pai a cada quinze dias (linhas 2 e 3). No entanto, isso, que deveria ser uma rotina, é alterado por qualquer compromisso que possa vir a ter e ele chega a

passar até um mês sem ver o pai (linha 4), estranheza reforçada pela expressão *até*; mas, se precisar de qualquer coisa como dinheiro, por exemplo, “...*aí liga pro pai e pede*” (linhas 5 e 6). Ana Clara ressaltará como seus valores são conflitantes com essa situação, ao reafirmar: “*Aí eu acho isso meio esquisito*” (linha 7).

Segundo o discurso da garota, moram só o amigo e a mãe, trazendo a moradia como caracterização necessária quando se fala de pais separados, e apesar de ela ser super legal e terem uma boa relação, não há conversa entre eles. Aqui, penso que Ana Clara pretende afirmar o que para ela é, neste discurso, uma identidade de família: não tanto o fato de os pais serem separados, mas a constância de seus encontros e a prática das conversas entre eles.

O que vai realmente causar estranheza à garota é o fato de os valores familiares, como o conhecimento da identidade de cada membro da família (ainda que pequena) não ser compartilhado. É bem verdade que a mãe *impõe muito as coisas* ao garoto, mas como ela pode saber das coisas dele se não conversam sobre nada? Com quem ele vai realmente partilhar seus conhecimentos são os amigos (linhas 9, 10 e 11).

(ii) Amiga e suas famílias

Fragmento 1.1

Ana Clara

- 12 É... minha outra... eu tenho uma amiga também, que ela mora com o pai.
- 13 Mora em uma casa, ela, o pai, a madrasta e os dois filhos da madrasta.
- 14 E ela quase não convive assim com eles, ela passa o dia fora de casa, na escola e
- 15 tal, e quando ta em casa, fica trancada no quarto, co computador, assistindo televisão
- 16 dentro do quarto...
- 17 Eles não têm uma relação próxima, ninguém da família sabe nada sobre a vida dela.
- 18 O que era diferente quando ela morava com a mãe, ela morava ela, a mãe e a irmã,
- 19 e aí era diferente, elas não tinham computador, a casa era pequena, dividia o quarto
- 20 com a irmã, então ela passava muito mais tempo com a família.

- 21 Mas agora ta distante também porque a mãe mora longe. Aí eu acho isso estranho,
- 22 sabe? Porque eu não entendo como alguém pode viver assim, sem interagir com as
- 23 pessoas da casa. Chega em casa, vai pro quarto, não fala com ninguém, vai dormir,
- 24 depois no outro dia vai pra escola, fica na escola de tarde, aí chega em casa de novo
- 25 e vai pro quarto, sabe?
- 26 Eles quase não se vêem e tal...

Nesta parte da entrevista, ao falar de uma amiga, Ana Clara traz-nos outra situação, encontramos aqui uma garota, cujos pais também são separados, mas que, à diferença do caso anterior, mora com o pai, a madrasta e os filhos desta. Enfim, deparamo-nos com uma garota que, não obstante more com um protótipo de família, *quase não convive com eles*; sua rotina é totalmente individualizada, passa o dia fora de casa e quando está em casa, fica trancada no quarto usando o computador ou assistindo à televisão, prática geralmente feita em conjunto.

Ana Clara afirma que: “*Eles não têm uma relação próxima, ninguém da família sabe nada sobre a vida dela*” (linha 17) e, embora use o termo *família* para essa configuração, ao fazer uma comparação com a configuração anterior da família da garota (linhas 18, 19 e 20), como morar com a mãe e a irmã numa casa pequena, sem computador, dividindo o quarto com a irmã, ela passava mais tempo com a *família*, prática valorizada por Ana Clara para caracterizar o que considera fundamental na caracterização familiar.

Nas linhas seguintes, Ana Clara reafirma sua estranheza, agora com o fato de a mãe da amiga estar morando longe dela e diz não entender como alguém pode viver sem interagir com as pessoas da casa, fazer de sua rotina algo individualizante. A análise do fragmento selecionado permitirá concluir que para Ana Clara, não é a moradia ou a constituição – casal e filhos –, nem tampouco os valores materiais, que caracterizam uma família, mas o compartilhamento diário de práticas e rotinas.

(iii) Outras constituições de família

Fragmento 1.2

Ana Clara

- 27 Tem um outro amigo meu que o pai dele mora em outra cidade, ele mora com a
- 28 mãe, passa o dia fora de casa também e o pai dele mora em Caldas Novas, aí ele só 29 vê o pai às vezes e quando precisa de alguma coisa também liga pro pai, aí é...
- 30 a maioria não são próximos, brigam muito...
- 31 Tem uma outra amiga minha que o pai também mora em outra cidade, e essa amiga, 32 ela mora com a mãe, a prima, o primo, a tia e o tio, numa casona enorme, e assim...
- 33 ela fala que ela quase não teve pai, porque pra ela o pai é esse tio que ela mora, e
- 34 ela nem chama o pai dela de pai, chama ele de Celso, os pais dela se separaram
- 35 quando ela tinham 2 anos e eles quase não tem contato, ele mora em Belo
- 36 Horizonte, e não sabe nem se ela tá viva direito.
- 37 Quando ela tá lá dá uma passadinha e tal... Mas só.

No trecho acima, Ana Clara apresenta dois modelos diferentes de família; primeiramente, um amigo, cujo pai mora em outra cidade, e não mantém uma relação boa nem com o pai (só liga para ele quando precisa de alguma coisa), nem com a mãe, pois, apesar de morar com ela, não são próximos, brigam muito.

A seguir, apresenta uma amiga que mora com a mãe, a prima, o primo, a tia e o tio (à semelhança do amigo citado anteriormente, o pai mora em outra cidade); mas, embora a família desta amiga não apresente o mesmo modelo da sua, Ana Clara não se alinha conflituosamente declarando estranhar, pois os pais da amiga se separaram quando ela era muito pequena. A garota fala que quase não teve pai, refere-se a ele pelo nome próprio e diz que para ela seu pai é esse tio com o qual mora.

Logo, a amiga apresenta o que para Ana Clara é valor imprescindível para identificar família, parecem manter uma boa relação, visto a ausência de

comentários negativos sobre isso, e afetividade; à diferença do amigo citado no início do fragmento, que não mantém uma relação agradável com nenhum dos dois, não é próximo do pai e briga muito com a mãe.

(iv) Enfim valores compartilhados

Fragmento 1.3

Ana Clara

38 E...agora tem uma outra amiga que os pais são casados, e mora ela, a irmã,
a mãe

39 e o pai, bem parecido com como é aqui em casa.

40 Só que ela briga muito com o pai dela, e o pai dela não sabe de nada.

41 Faz mais de 1mês que ela ta namorando sério e ela esconde do pai, a mãe
e a irmã

42 sabem, mas também ajudam a esconder.

43 Porque o pai dela é muito ciumento e daí ele quer impor as coisas, e...Não é
assim

44 que funcionam as coisas, eu acho que se ele fosse mais compreensivo ele
saberia

45 de tudo e não teria motivo pra ela ficar escondendo as coisas.

46 Mas é legal a relação dela com a mãe e tal...

47 Tem certas coisas que ela esconde da mãe, mas a irmã dela sabe de tudo,
tem

48 umas coisas que ela conta pra mãe e tem umas coisas que não, mas a
relação

49 é boa.Tem uma outra amiga que ela também conversa sobre “tudo” com os
pais.

50 Porque eu acho que assim, todo jovem tem coisa que não conta pros pais,
por

51 exemplo,o pai dessa amiga, ele não entende essa coisa de ficar, então ela
não conta

52 pra ele quando fica com alguém,né?

53 porque se não ele não deixa mais ela sair, né?

54 Mas...de resto assim, ele conversam sobre tudo.

55 Conversam sobre namoro e tudo, mas ficar ela acha que não tem
necessidade de

56 contar.

Finalmente encontramos no fragmento acima duas famílias com as quais Ana Clara se alinha, cujos valores são compartilhados em semelhança, não obstante o fato de a primeira garota brigar muito com o pai, que é muito ciumento e não saber nada sobre ela, o que parece não acontecer com Ana Clara que inicia sua fala com a expressão diferenciadora *só que* (linha 40). Na linha 46, Ana Clara diz achar legal a relação da amiga com a mãe e retoma o fato de se conversar e contar tudo uma para a outra como algo positivo.

A seguir, Ana Clara nos fala de outra amiga que também conversa “tudo” com os pais. Entendendo-se o termo *também* como includente, percebe-se, neste momento do discurso, haver mais valores compartilhados com essa amiga além do modelo familiar de convivência no mesmo espaço físico.

(v) Acho que vai de família pra família

Fragmento 1.4

Ana Clara

- 57 Mas acho que vai de família pra família, né?
- 58 Eu acho que se a relação deles impede isso, não tem que gerar briga a toa, porque
- 59 chorar leva a briga, né?
- 60 Em cada casa tem uma relação diferente e isso é notável nas conversas, tem gente
- 61 que conta tudo, tem gente que não conta nada, tem gente que não vê os pais.
- 62 Tem um amigo meu que ele morava praticamente sozinho, morava ele e as duas
- 63 irmãs mais velhas, uma de 29 e uma de 24 anos, moravam lá em Porto Alegre e os
- 64 pais moram aqui em Brasília, então os pais dele não sabiam de nada da vida dele,
- 65 não eram presentes, poxa moravam em outra cidade, aí uma irmã começou a
- 66 namorar e foi morar com o namorado, aí ficou ele e a outra irmã em casa, mas essa
- 67 irmã ficou viúva e começou a ficar indo sempre em festa, quando ele tava em casa

68 ela não tava e vice-versa.

69 Agora ele tá morando com os pais, mas mesmo assim é uma relação difícil, sabe? E

Neste último fragmento da entrevista com Ana Clara, é importante ressaltar que logo no primeiro momento a garota, assumindo o posicionamento do ‘eu’ e do ‘outro’, reconhece os diferentes modelos familiares (linha 57): “*Mas acho que vai de família pra família, né?*” e o fato de que “*Em cada casa tem uma relação diferente e isso é notável nas conversas*” (linha 60), aqui poderíamos dizer nas práticas discursivas compartilhadas entre os amigos. A fim de esclarecer as diferenças a que se refere, retoma o fato de se conversar ou não em casa resumindo que tem quem conte tudo, quem não conte nada e até aqueles que não vêem os pais.

Através de sua fala na sequência da entrevista, Ana Clara, ao citar o exemplo de um amigo que morava em Porto Alegre com as irmãs e os pais em Brasília, retoma o alinhamento de estranhamento ao afirmar: “*... não eram presentes, poxa moravam em outra cidade...*” e reforça seu argumento de que, se de seu ponto de vista, o mais importante para se constituir enquanto família é o compartilhamento, o fato de os pais não saberem nada da vida dele é um valor negativo para o relacionamento familiar. Conclui seu exemplo dizendo que agora o garoto está morando com os pais, mas mesmo assim (modelo tradicional: pai, mãe e filhos) é uma relação difícil.

(vi) Não tem família igual à nossa

Fragmento 1.5

Ana Clara

70 eu acho que não tem nenhuma família que seja igual à nossa, porque cada uma tem

71 as suas características, sabe?

72 Suas particularidades, tem umas que se assemelham, mas tem outras que são

73 totalmente o oposto, tanto em união que a gente tem aqui em casa, a ponto da

74 mamãe trabalhar manhã, tarde e noite e nunca ter sido ausente na nossa vida.

75 Então eu acho que são relações bem diferente da nossa família, sabe?

Para finalizar, Ana Clara afirma explicitamente, e em contraponto com várias situações por ela apresentadas: *“E eu acho que não tem nenhuma família que seja igual a nossa, porque cada uma tem as suas características, sabe?”*. Penso que a explicação por que Ana Clara valoriza tanto o seu modelo familiar possa estar na sua conclusão, o fato de cada família ter *suas particularidades, tem umas que se assemelham,, mas tem outras que são totalmente o oposto, tanto em união que a gente tem aqui em casa, a ponto da mamãe trabalhar manhã, tarde e noite e nunca ter sido ausente na nossa vida.*

7.1.2

Construções e comparações de Mariana

A análise desta seção também terá como ponto de partida a última pergunta que fiz às garotas, no entanto, a pergunta feita para Mariana traz pontos mais específicos que a feita para Ana Clara. Observe-se: Pergunta 4: Agora eu queria que você falasse um pouquinho como os seus colegas se relacionam com os pais, como eles se sentem, como eles se vêem, vêem os pais, vêem as próprias relações deles com os pais.

(i) São parâmetros diferentes

Fragmento 1

Mariana

1 Ah...assim...É...eu

2 não...eu só penso assim, em duas pessoas quando falam de colegas mesmo...

3 e eu acho que são parâmetros bem diferentes porque uma só tem a mãe dela, não

- 4 Tem o pai e...eu acho que...não sei, elas são meio diferentes mesmo do que eu
- 5 vejo aqui na minha casa, mas a L. não, ela já é um pouco mais parecida com aqui
- 6 em casa, porque ela tem o pai, a mãe, os irmãos... os pais ainda são casados, e
- 7 eles fazem muitas coisas juntos, né?
- 8 todos da família dela. Então acho que a família dela é parecida com a minha em
- 9 grande parte das coisas, mas acho que não tanto em...
- 10 quer dizer, pelo menos não vejo...em, sei lá, não é em cumplicidade, mas em
- 11 Poder contar mesmo tudo pro pai e pra mãe, por exemplo.
- 12 Porque eu sei que eu posso contar e conto as minhas coisas quase todas mesmo
- 13 Pro meu pai e pra minha mãe, e pra minha irmã,né?
- 14 Só que ela, eu sei que ela conta mais pro irmão dela do que pro pai e pra mãe
- 15 Dela, sabe?
- 16 É uma coisa assim, diferente, só.

Este trecho da entrevista com Mariana permite-nos identificar logo no início que vai usar em sua resposta a noção de pertencimento e contraponto com a família a que pertence ao tratar de identidades sociais e falar de duas colegas. Mas deixa claro que *são parâmetros bem diferentes* porque os modelos familiares são bem diferentes entre si, uma das amigas só tem mãe, não tem o pai e elas são meio diferentes do modelo que vê na sua casa.

A família da outra amiga já é um pouco mais parecida com o modelo no qual se inclui, *os pais ainda são casados e todos da família fazem muitas coisas juntos*; então, é uma família com a qual há um alinhamento maior por parte de Mariana, é bem parecida em grande parte das coisas. Encontramos aqui alguns itens que Mariana considera importantes quando pensa em valores compartilhados, a noção de pertencimento, os membros da família estarem juntos e fazerem coisas juntos; mas destaca um valor em conflito com os seus, eles não são parecidos com sua família “*em cumplicidade, em poder contar mesmo tudo pro pai e pra mãe.*”

Mariana destaca, ainda, no que se refere às diferenças, o fato de a amiga contar mais suas coisas para o irmão que *pro pai e pra mãe*, mas conclui que isso é apenas diferente.

(ii) Uma relação diferente

Fragmento 1.1

Mariana

- 17 E a K. não, ela não tem irmãos, só é ela e a mãe, e acho que assim, elas são
- 18 Próximas mesmo, mas eu ainda acho que eu sou mais próxima da minha mãe do
- 19 que ela da mãe dela, sendo só elas duas, sabe?
- 20 Então acho que assim...é uma relação diferente,
- 21 acho que a relação delas é mais fria, é mais...não sei...
- 22 eu não sei explicar direito, eu sei que a minha relação com a minha mãe é muito
- 23 Mais íntima do que a relação dela com a mãe dela.

Neste fragmento, Mariana retoma a outra amiga que havia indicado no fragmento anterior e descreve família dela em contraponto com a sua, afirmando que ela não tem irmãos, *só é ela e a mãe*, e destacando que elas são próximas *mesmo*, o que seria presumível pelo fato de serem só as duas; no entanto, Mariana afirma ser mais próxima de sua mãe que a amiga.

Enfim, Mariana conclui sua fala afirmando que a relação das duas é *diferente* da sua relação com sua mãe apresentando um valor conflitante com o que considera importante na relação mãe/filha: a intimidade. A relação da amiga com a mãe é mais fria e a de Mariana com a sua mãe é mais íntima.